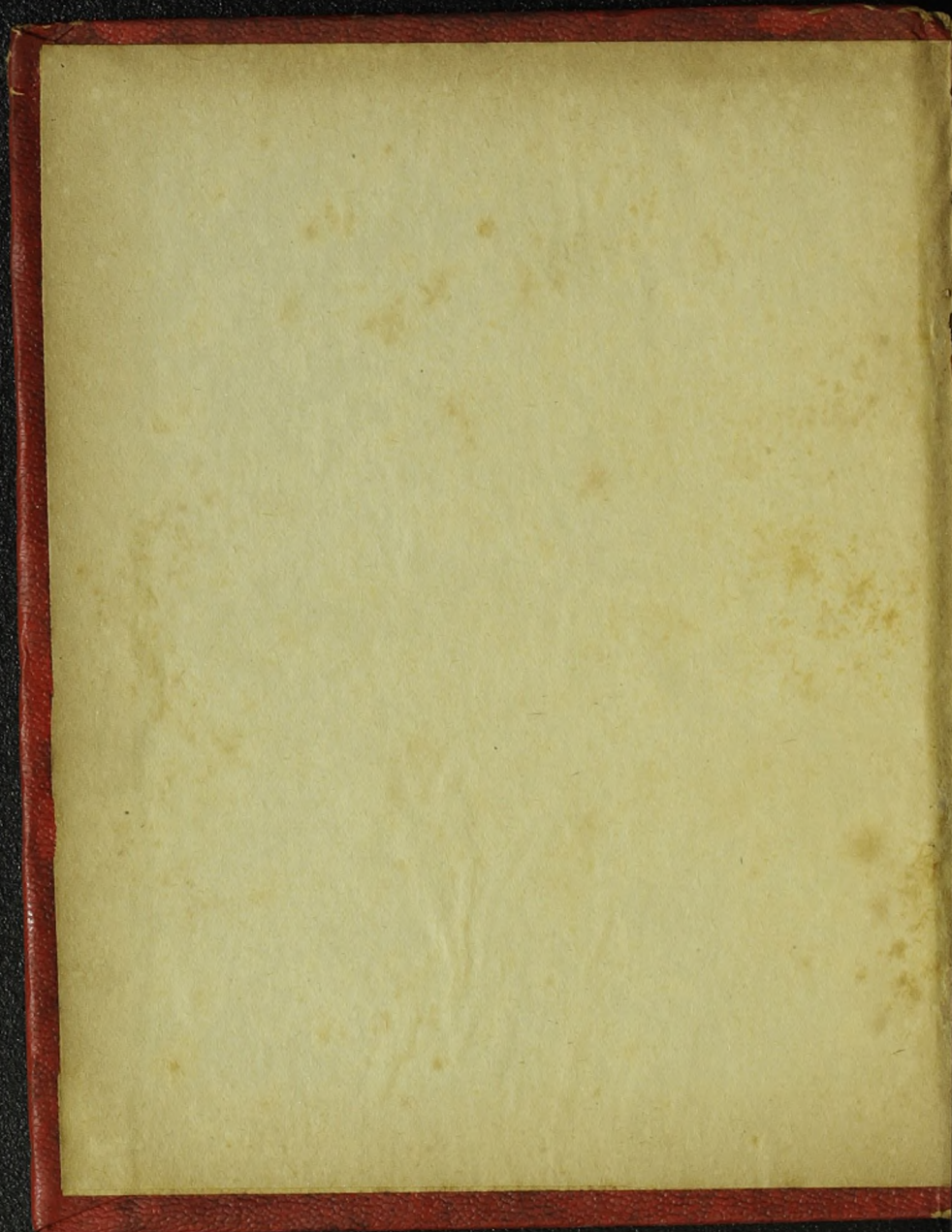
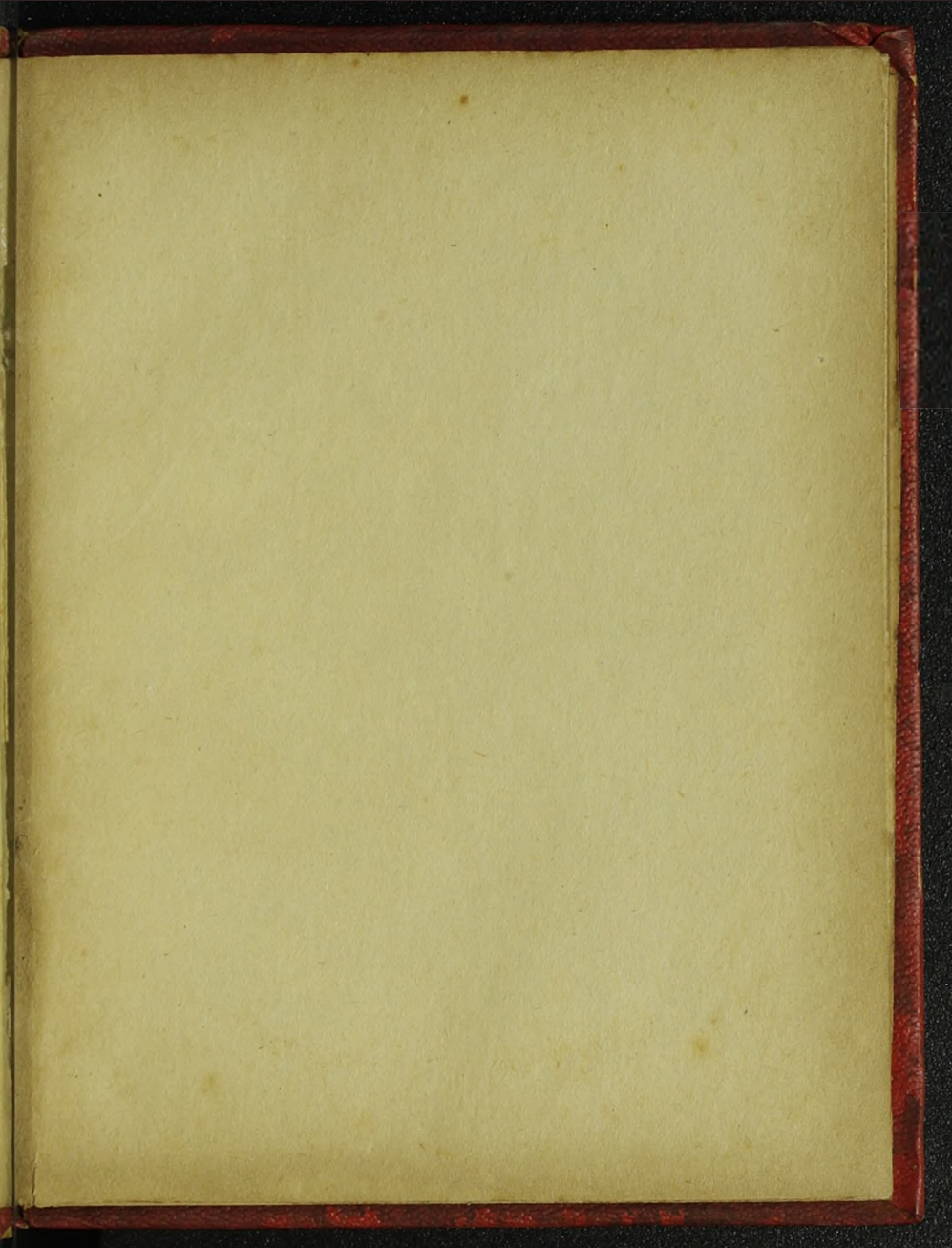
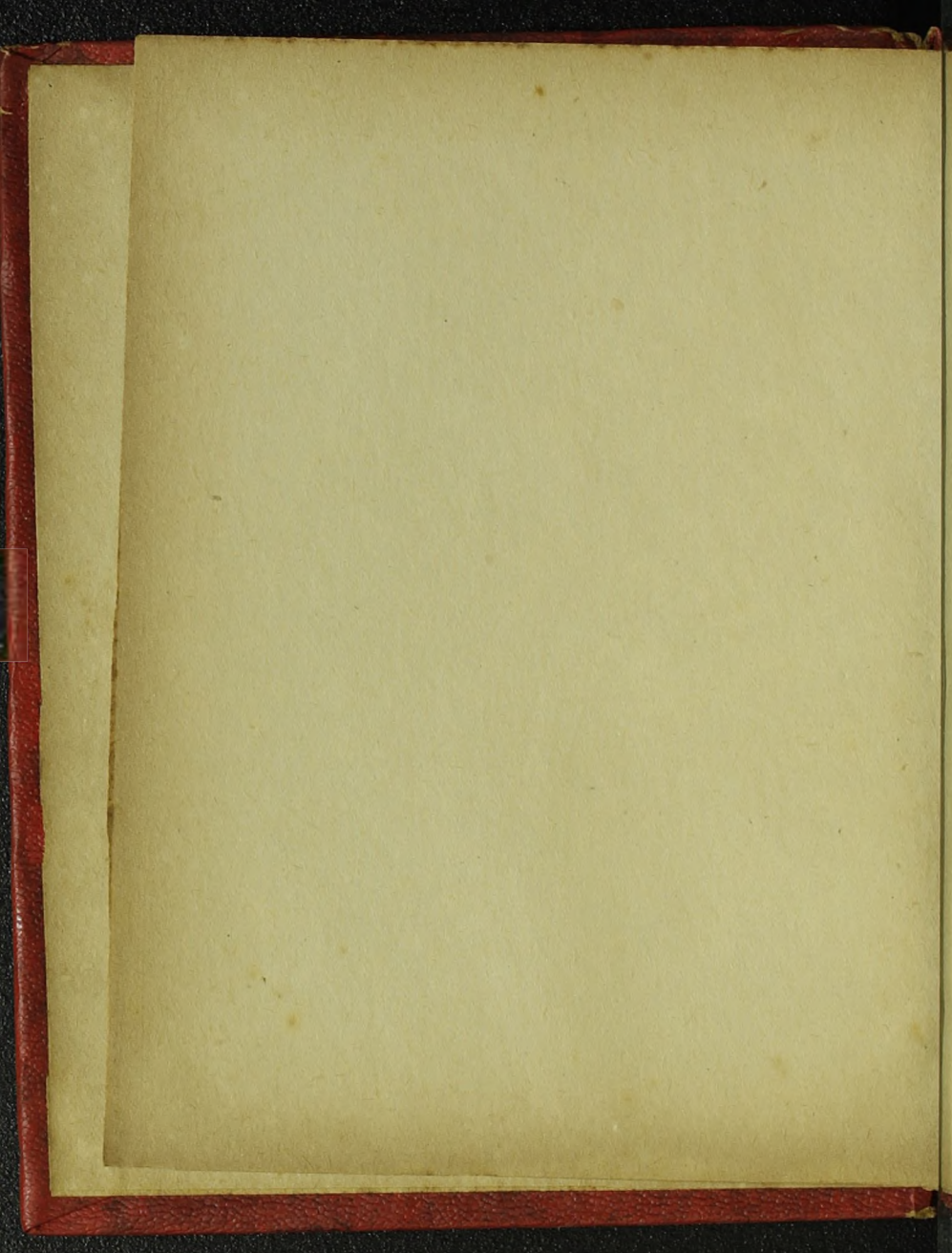


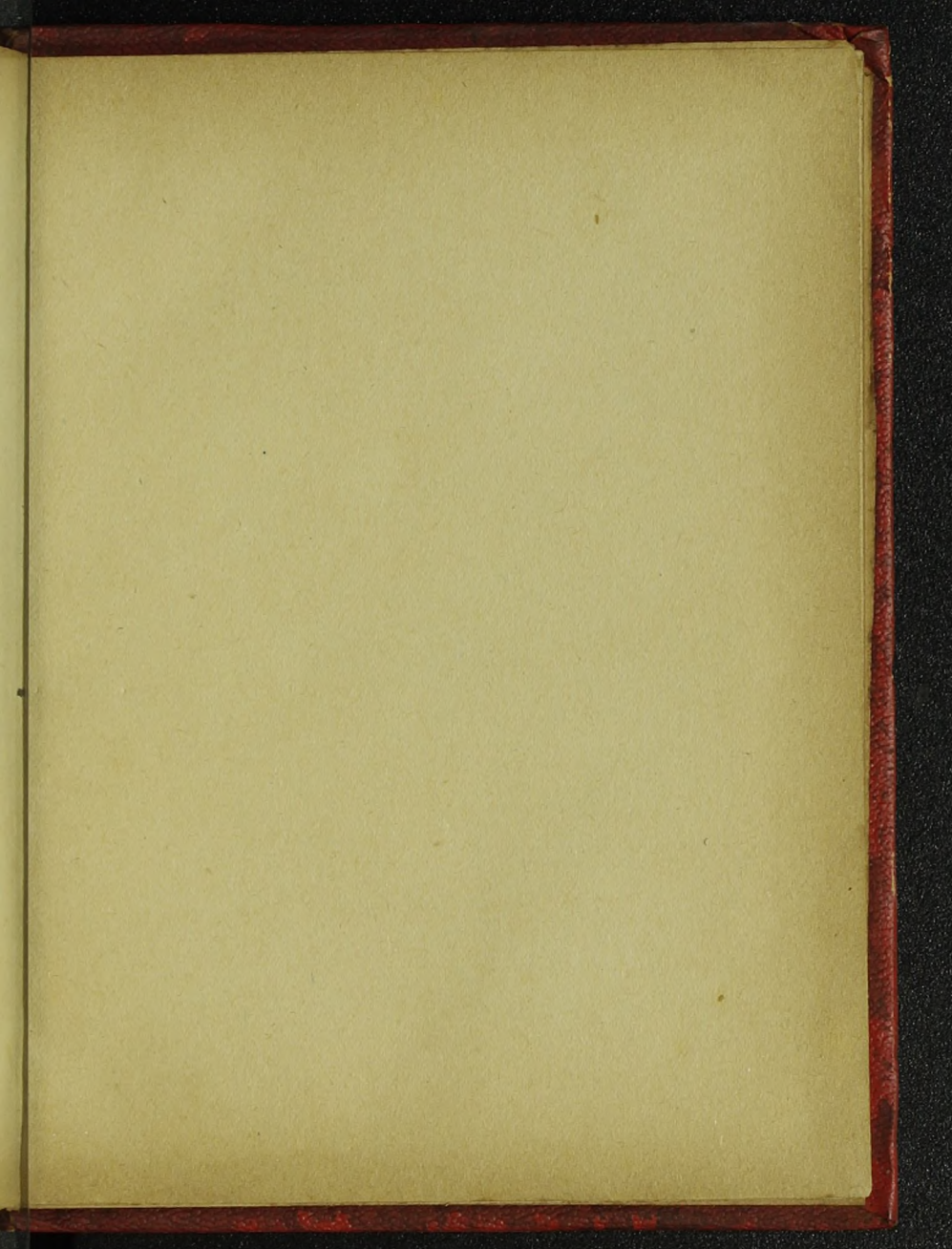
IGNOTUS VINDEK

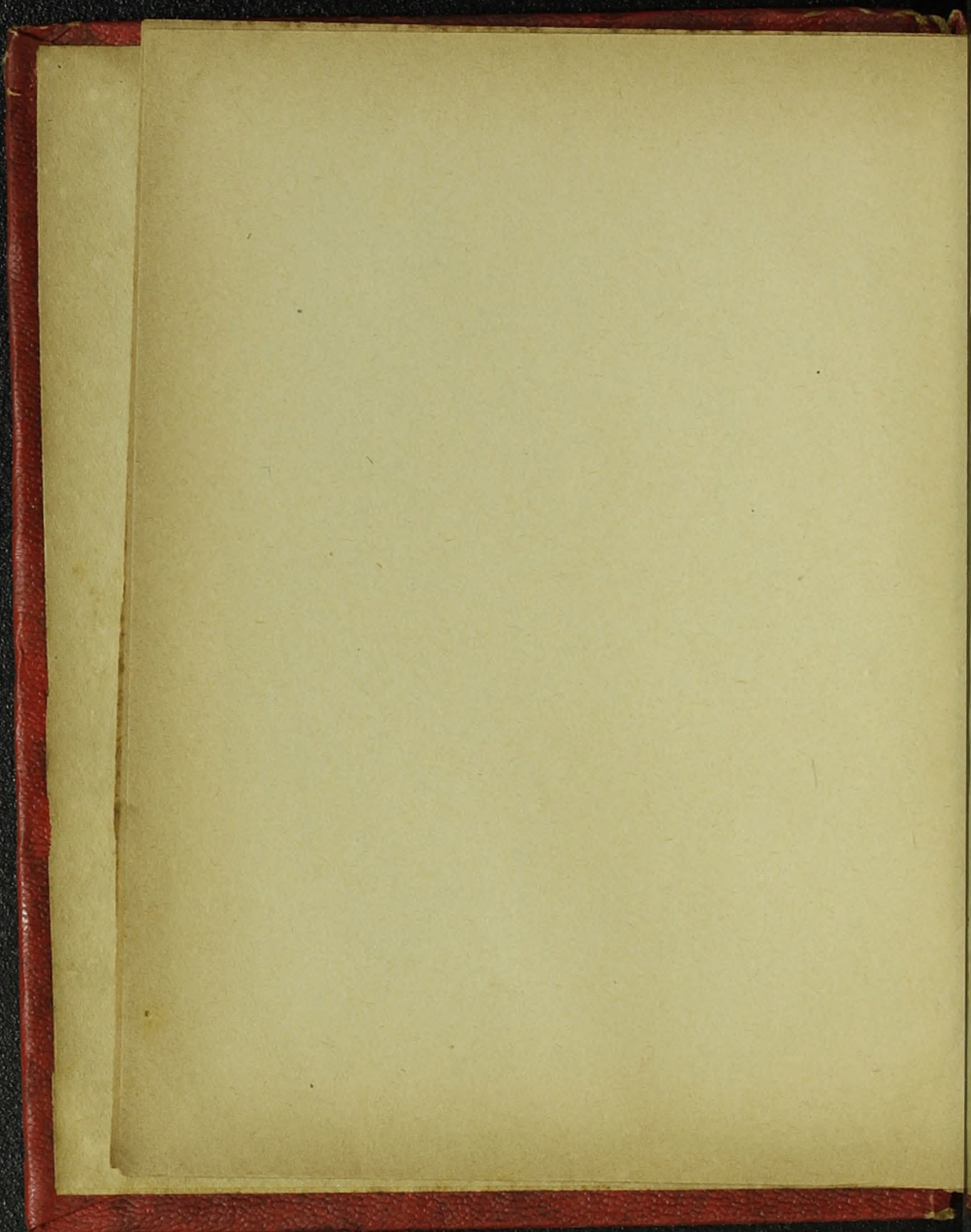
A Florianeida







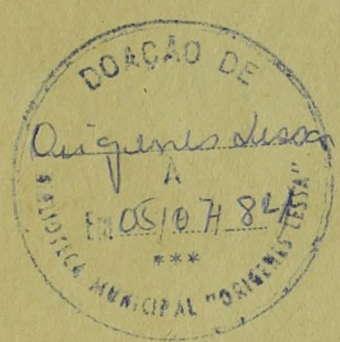


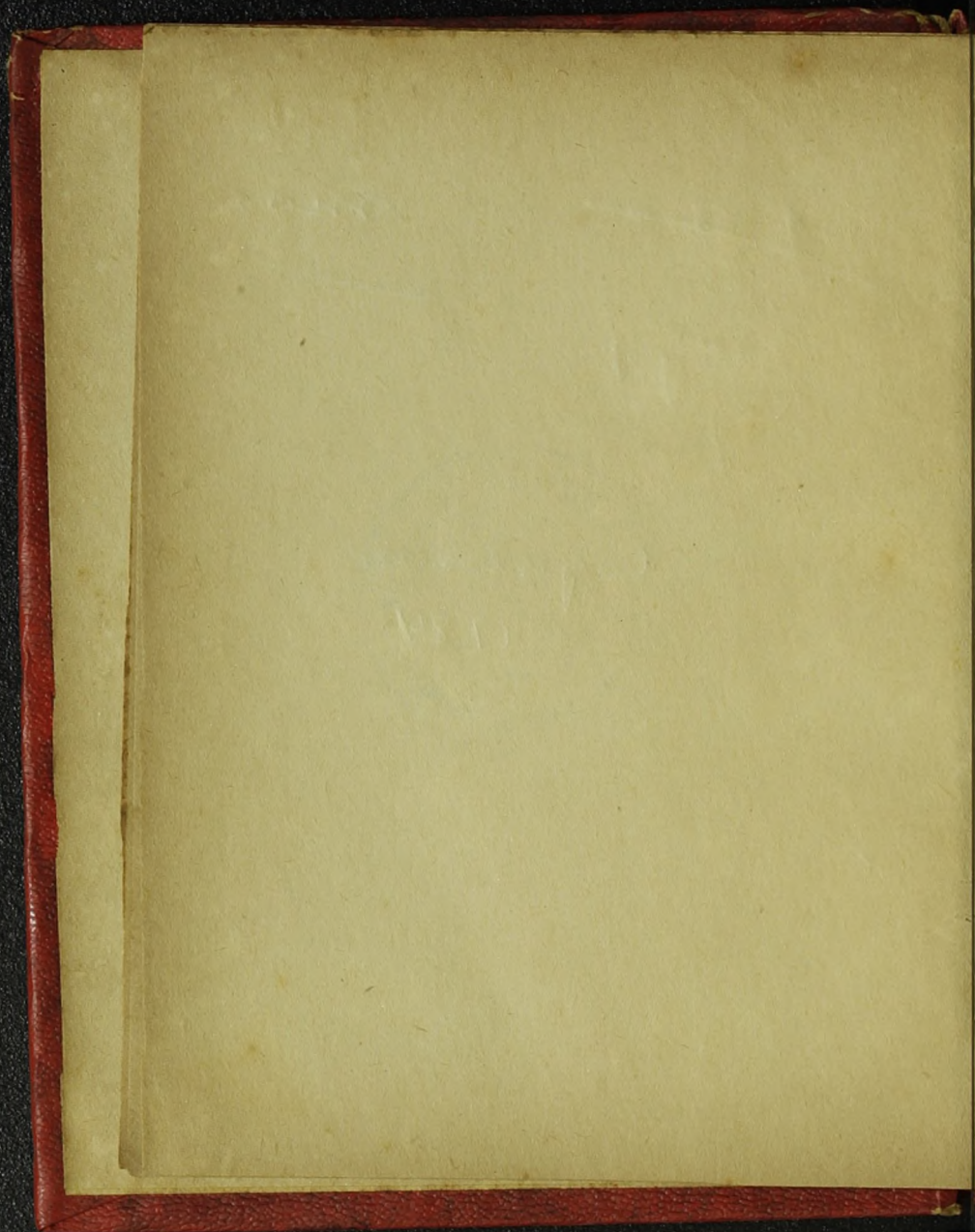


~~40~~

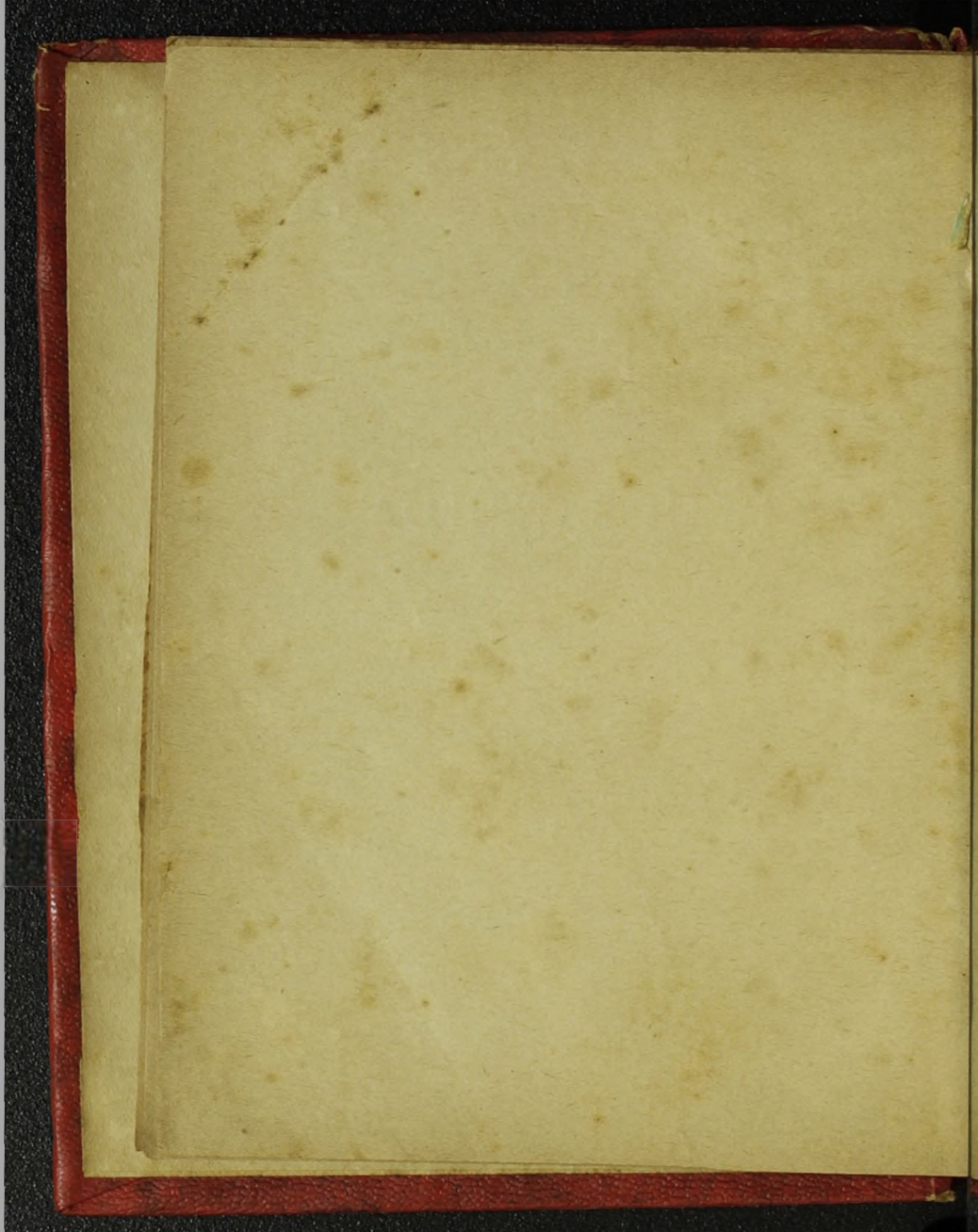
40
max

5,00
1,00





A FLORIANEIDA



A FLORIANEIDA

Poema heroi-comico

EM

UM CANTO

POR

IGNOTUS VINDEX

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"CORNÉLIO LESSA"

Tombo Nº 34.399 ————

MUSEU LITERÁRIO

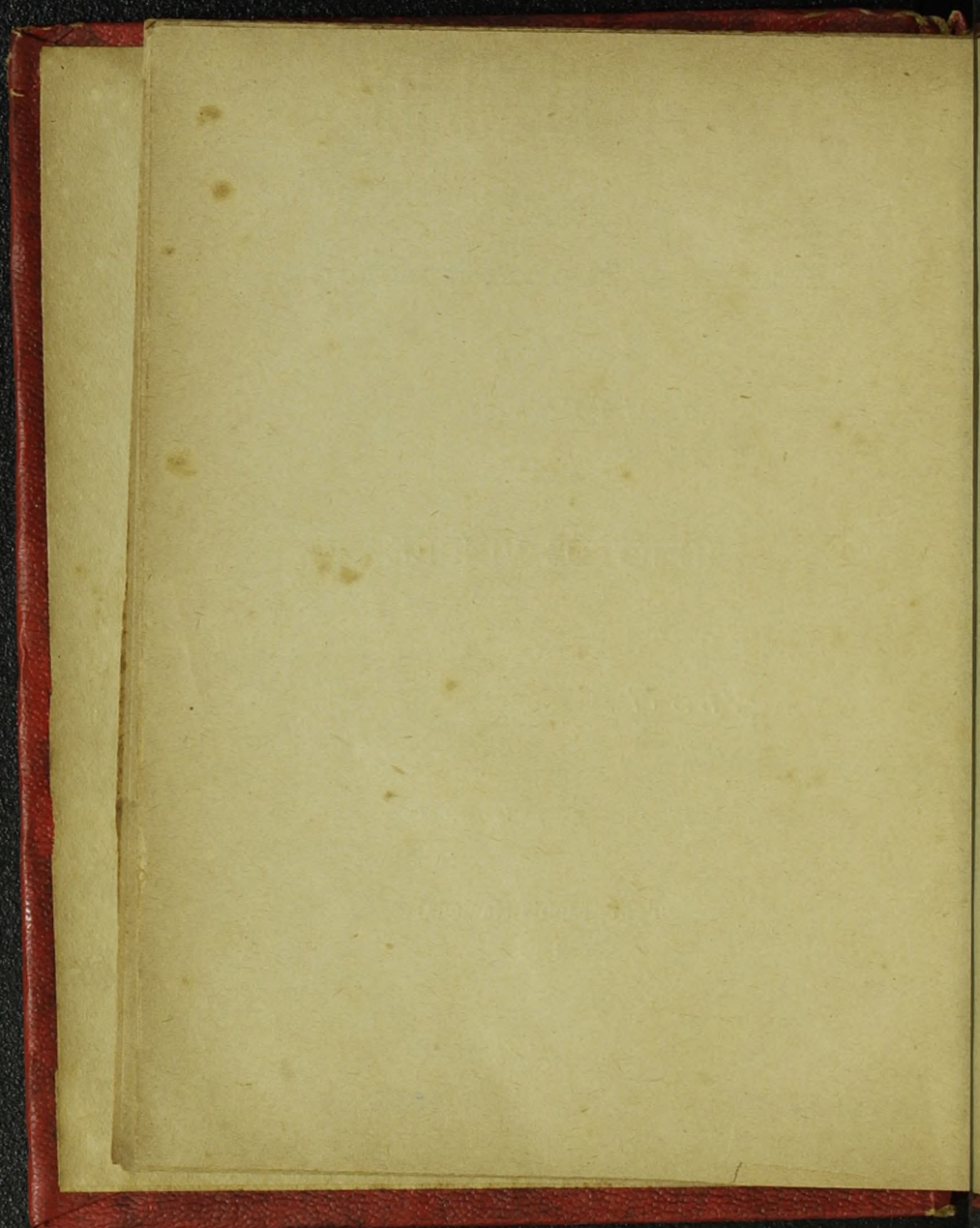
IMPRESSO POR ORDEM DO GOVERNO

Typographia Nacional

1893

BIBLIOTECA MUNICIPAL "CORNÉLIO LESSA"

1 - côis Paulista - SP.



Exmo. Sr. Cassiano Nascimento.

M. D. Secretario dos N. do Interior.

*Atendendo ao que requerem o Pudor e a Moral,
determino que publique a Imprensa Nacional o
poema, que acompanha este officio, pois fomento
compre dar ás lettras patrias.*

Cassiano Nascimento.

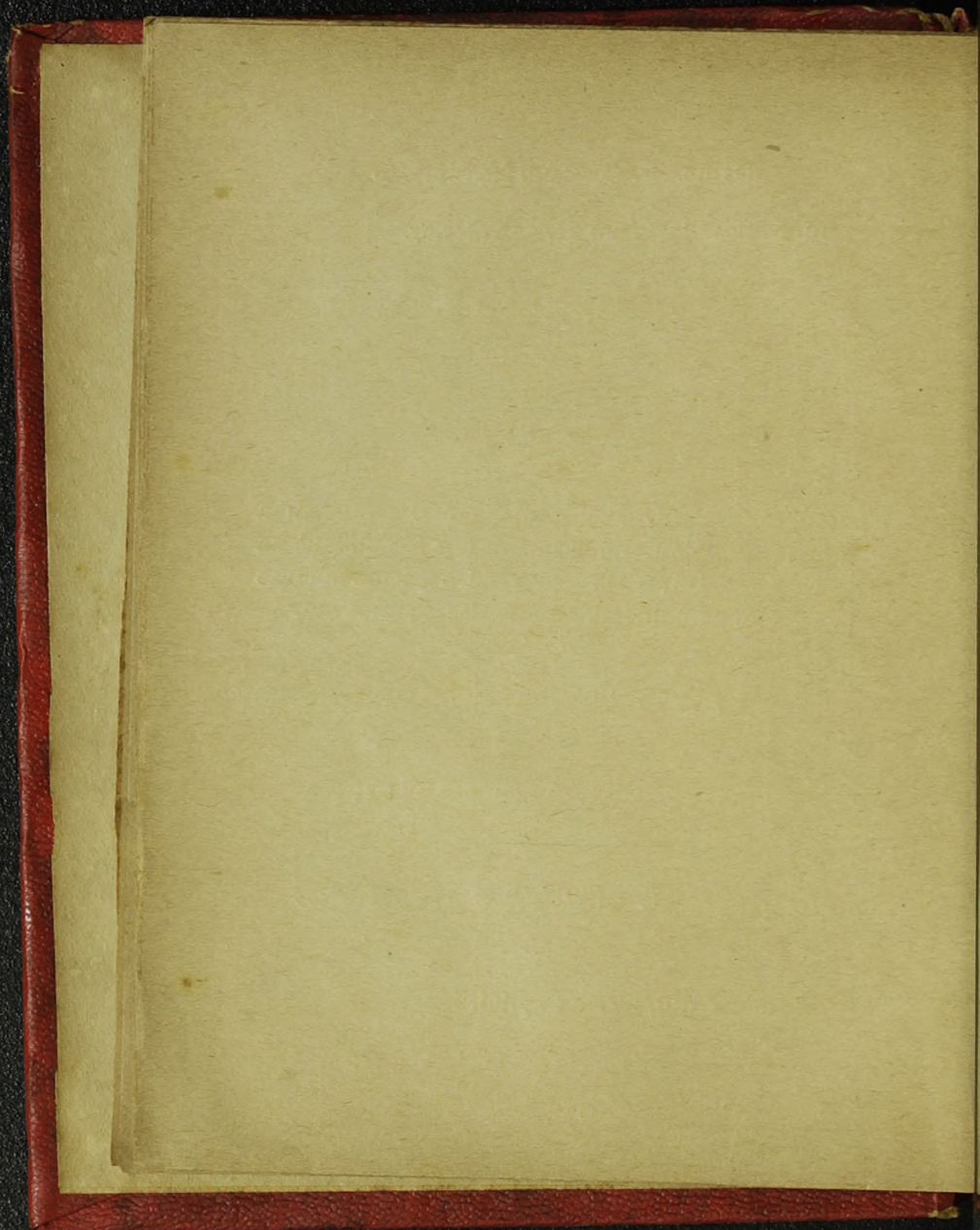
O Pudor e a Moral requerem a
V. Ex. que mande que se publique na
Imprensa Nacional o poema incluso
em que cantam glorias ao Governo.

Pedindo deferimento,

Aguardam Sua Mercê

O Pudor e a Moral

Aqui, n'esta Capital.



A FLORIANEIDA

OPINIÃO DA IMPRENSA

« Com a nitidez do costume, a Imprensa Nacional editou e nos remette, como mimo especial, um poema escripto em verso terso, firme e vigoroso por auctor que occulta o nome.

O modesto, mas brioso, documento, que celebra, qual Virgilio faz na Eneida, um heroe de vulto insigne, se intitula « A Florianeida ».

O leitor, só n'isto apenas, acha prova da importancia que merece uma epopéa de tão grande relevancia.

Com sincero enthusiasmo, assim, pois, lhe recommenda *O Paiz* que taes estrophes, se puder, de côr apprenda, de maneira que o poema constitua tradiçãõ, que, travéz dos tempos, cante, como Gloria da Nação, o Heroe, que é seu assumpto, pondo-o em vivo parallelo com o vulto criminoso do Contra-Almirante Mello.»

[Editorial d'*O Paiz* de 23 de Novembro de 1893.]

Tão funda indignação a Revolta em tudo accende que o incendio, que desperta, ao Parnaso já se estende.

Um poeta vigoroso, patriota de primeira agua, em verso incandescente, move a Patria Brasileira a surgir do seu marasmo, amparando o dedicado Marechal, que a Providencia pôz á testa do seu Fado.

Inda bem, oh ! negra esquadra ! Té as Musas te repellem !

Contra ti já não bastavam essas vagas que te expellem, pouco a pouco, pela barra, n'uma fuga indecorosa, como um corpo que esphacela a gangrena cancerosa.

« Florianeida » tal o nome da valente apologia, que ao Governo se endereça com talento e galhardia.

Não podera *O Tempo* ao Povo dar conselho mais amigo qu' dizer-lhe: « Compra o livro, e o traz sempre contigo, té sabel-o, qual sabia Alexandre o grande Homero. »

Ao auctor, que o nome cala, n'isto vai o mais sincero cumprimento que podemos dirigir-lhe.

O seu civismo achará applauso e echo, onde houver patriotismo.

[Editorial d'*O Tempo* de 23 de Novembro de 1893.]

« Florianeida » — E' um primor este poema de ignoto auctor, que, todavia, um patriota o teso verso claro denota.

Mais um trabalho deste jaez, adeus, piratas!... era uma vez !

No mar, corridos pelos canhões; em terra, agora, por maldições mesmo das musas, acclamará, do Rio Grande té ao Pará, a Patria inteira, o Marechal que, no poema, em magistral estrophe, canta o bardo.

Andou bem o Governo, quando mandou, por sua conta, distribuir este libello. E' de applaudir.

Da nossa parte, por galardão, receba o auctor, de coração, o « Bravo! » o « Hurrah! » atroador, com que o saudamos « Triumphador »!

[Editorial do *Diario de Noticias* de 23 de Novembro de 1893.]

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENS LESA"

Tombo N.º _____

MUSEU LITERÁRIO

A Florianeida

Polyanthéa Critica

« Bandido, aceita a guapa luva, que o Vate atira ! »

Q. BOCAIYVA

*

« Vinde, Piratas Mello e Saldanha ao desafio ! »

NILO PEÇANHA.

*

« Sangue ! Capim ! D. Pedro ! Bobo ! Fezes ! Metralha. »

SILVEIRA LOBO.

« E' tempo : pára no teu caminho, negra Revolta ! »

S. MARINHO.

*

« Restauradores do Negro Imperio, tende vergonha ! »

CHICO GLICERIO.

*

« Bravo, Poeta ! Basta que forges um raio mais ! »

F. N. BORGES.

« Salve, guerreiro sem jaça ou medo ! Morra o Bandido ! »

A. AZEREDO.

« Genio de Homero ! Verso de Dante ! Milton no enredo. »

A. CAVALCANTI.

« Humanidade, quão alto ascendes na estrophe santa ! »

TEIXEIRA MENDES.

« Em nome d'Elles — Os dois Supremos Fetiches — salve ! »

MIGUEL DE LEMOS.

« Qual vacca brava, põe em poeira o Mello & Sucia »

PIRES FERREIRA.

« Com tal granada, adeus, meus barcos ! Mello estás morto. »

B. DE SÃO MARCOS.

« Graças a este rude vergalho, Thesouro és nosso ! »

FRANÇA CARVALHO.

A FLORIANEIDA

TELEGRAMMAS DE FELICITAÇÃO A' PATRIA

Este poema vale um pelouro. Hurrah ao Poeta ! »

GAB. BESOURO.

*

Poeta, Comte, de lá de cima, vos abençôa. »

BARBOSA LIMA.

*

Ajunta, Vate, á tua fé, Clotilde, a benção. »

LAURO SODRE'.

*

Se não se abaixa, S. Paulo, ao hymno teu, casa a
OZ. »

NHÔ BERNARDINO.

*

Cá pelos Pampas, mata os caudilhos a guasca rima. »

JULIO CASTILHOS.

*

Com esta bomba, o Mello estoura ! Paz no Estado. »

MINISTRO MOURA.

« Minas altiva brinda a Camena, que os crimes pune.»

AFFONSO PENNA.

*

« O meu Estado em pergaminho guarda o poema.»

M. MURTINHO.

*

« Fiz alvorada com meus clarins ao Vate nobre. »

SERRA MARTINS.

PROLOGO

A ti, oh Caricato Anão, a quem pretende
D'um Oliverio Cromwell guindar á eminencia
A Sucia dos meninos, que só por justo entende
O que decreta a Seita na funda sapiencia ;
A ti, novo Cartouche, que a consciencia vende
Ao voto das tarimbas, e apoia a inconsciencia,
Ignara no manejo do sabre e do pelouro,
Por soldos accrescidos á custa do Thesouro ;

A ti, que no incendio, na peita e no veneno,
Na lei calcada aos pés, na imprensa emmudecida,
No sangue derramado, no doloroso threno
Dos orphãos e viuvas, na luta fraticida,
Em tudo o que conspurca e turva o que é sereno,
Em tudo o que enxovalha, opprime, e a paz trucida,
Os meios vais buscar de combater inimigos,
Os meios tambem, sim, de atraiçoar amigos ;

A ti, ó Quint'Essencia d'Iscariotes—Ne ro
De chambre e de ceroulas, Tiberio de chinelos,
Em cujo olhar de tigre, sanguisedento e fero,
A Traição fundiu os infamantes elos
Que a Patria algemam, quero, no meu poema, quero
Mandar, n'um brado só, os tetricos libellos
Com que te enviam—Reu—da Historia ao Tribunal
O Brio—a Honra—a Lei—a Patria e a Moral !

A FLORIANEIDA

O' Musa da Galhofa, Divina Pagodista,
De quem, no Mundo, nascem o Riso e a Pilheria,
Se ao teu poder valor algum mortal conquista,
Se podes teu agrado votar a cousa séria,
Permitte que, d'aqui, alevantando a vista,
Em tom altisonante supplique á tua leria
Inspiração, e solte ao verso os largos pannos
Cantando o Marechal Peixoto—o Flor de Anus.

Nascido em Alagôas, não é batrachio emtanto,
Porque, no vir á luz, a sorte atraiçouou
Dobradamente. A' mãe, lançando algum quebranto,
Que as contas da prenhez de todo atrapalhou,
Nasceu de sete mezes, depois que, por encanto,
D'um ovo de batrachio ao de mulher passou.
A prova conservando no genio e catadura
De qué foi feito homem por logro de Natura.

A lenda, que do Norte o trouxe ao Sul, declara
 Que, quando ao seu primeiro vagido, carinhosa
 Volveu a mãe do olhar a meiga chamma clara
 Por ver o novo filho, que estrella auspiciosa
 Trouxera ao Lar, um grito de angustia lhe escapara,
 E, levantando as mãos, gemera fervorosa :
 —« Meu Deus, que mal vos fiz que me quizesseis dar
 « Por filho o que devieis ter dado a Calabar ? ! »

Maravilhoso instincto, ó sabia providencia,
 Que põem no olhar materno as forças do Destino !
 N'aquelles traços leu a mãe com sapiencia
 O que viria a ser o ente tão franzino,
 Descortinando n'um relance toda a essencia
 Que a Perfidia mandava no corpo do menino
 P'r' amargurar á Patria, um dia, o coração,
 Trahindo em consciencia o Rei e a Nação.

Na sua tenra infancia foi logo demonstrando
 Que no berço já baixou cultor da porcaria.
 Sorria, quando a fralda — n'aquillo — ia alagando,
 Chorava quando a mãe no banho o immergia,
 Tal como se quizesse ir logo annunciando
 Na lingua em que fallar ao mundo, então, podia,
 Que quem nasceu:—p'r'aquillo,—n'aquillo—rejubila,
 —N'aquillo—sonha e só—n'aquillo—refocila.

Cresceu. Mas, differente das outras criancinhas,
Ao lhe chegar o tempo de engatinhar—serpêa,
Em vez de se mover de banda ou de gatinhas,
Por toda a parte vai — qual cobra, cil-o, collêa
Subtil, rojando, humilde, ás furtadelazinhas,
E, assim que pode, as mãos ao ar ambas alteia,
Enforcea, por brinquedo, o cão, esgana o gato,
Arranca o rabo ao pombo e fura o olho ao pato.

Quando a vez primeira se pôz de pé não riu-se
De gosto, como fazem os mais, nem, estendendo
Os braços á mamã, seu vulto debil viu-se
Os passos hesitantes p'ra ella andar movendo:
Apenas se firmara, olhou e decidiu-se
A não andar qual vira aos outros ir fazendo:
Achou que ser direito ficava-lhe o exclusivo:—
Virou os pés p'ra dentro e fez-se periquito.

O pai ao ver, no filho, accentuar-se viva
A inclinação, pensou em logo preparal-o
Pelos estudos para a vida a mais activa
Em que os seus instinctos pudessem exaltal-o.
E como bem sabia que estreitamente priva
Minerva, a douta deusa, com Marte, apresental-o
A's armas resolveu — e ao mestre disse: Faça
Entrar alguma cousa aqui nesta cabaça.

O mestre, como poude, malhou. Inutilmente
 Porém, que nada havia ali que se amoldasse.
 Em vão buscou lançar-lhe ao rego uma semente
 De luz, que a sanha á fera brutal modificasse;
 E as poucas letras, que lhe entraram pela mente
 Fizeram com que um novo ardor n'elle brotasse
 P'ra progredir no mal — no mal sobresaahir:
 Calar, morder, impôr — trahir, trahir, trahir!

Emfim, graças ao zelo que o mundo official
 Dedica á instrucção, o heroe se matricula
 Na Escola Militar — e logo a marechal
 Aspira, que a ambição de mando o estimula.
 Nos livros pouco enxerga. — Ser burro não é mal:
 A's vezes o mais burro é o que mais alto pula.
 Mas, onde a Flôr de Anus dá sorte, é nos caroços,
 Que, em pouco, lhe deixaram a pelle sobre os ossos.

N'uma enxurrada d'essas que o fim do anno manda
 A's arcas do Thesouro em bachareis fardados,
 O moço alagoano, um dia, eis que desanda
 Co'as quatro, digo, os braços, alfim, agaloados,
 E vai pelos quarteis em avida demanda
 De postos, p'ra subir aos cimos elevados
 Das verbas do orçamento a troco da pomada
 D'arte, em que não soube jamais fazer-se nada.

E eis que rompe a paz do Paraguay a guerra:
Um grito corra logo, que os batalhões levanta:
Em zelo o patriota se lança á imiga terra
A defender da Patria a causa sacrosanta.
E elle, o Flor de Anus, a quem a gloria berra
Ao ouvido: «Sus, amigo, o teu chanfalho aguanta,
Aguanta para a luta o seu novel chanfalho
E p'ra recreio leva... que mais? O seu... baralho.

Nos campos muita vez, a historia o rememora,
Qual façanhudo tigre mostrou grande bravura,
Cortando, com prazer, no triste que lhe implora
Perdão, e morre só de ver-lhe a catadura.
Matando, ri; e, enquanto em roda tudo chora,
Após a crua luta, baixando a noite escura,
Banhado em sangue volta, e a pena o não consome:
De dia mata inimigos: á noite amigos «come».

Ai, come, sim, que é tigre forrado de macaco!
A luta, o jogo, o cio — despertam seu furor!
A guerra, o sangue, o vinho, as cartas e o tabaco
Cultiva o Flor de Anus com rabido fervor!
E, qual batrachio, em vendo qualquer negro buraco
A' frente lhe assomar, suspira o seu amor,
E mette n'elle tudo: a alma, a vida, a crença;
Nem querem seus suspiros uma outra recompensa.

E quando essa hecatombe, que as iras de Capella
Incita ainda hoje, termina — o Flôr de Anus,
Major de infantaria voltando, na panella
Da Patria vem buscar aos lá soffridos damnos
Compensação: e a c'roa de prompto o enfardela
Nos cargos do governo, nos seus altos arcanos,
Porque, n'esse batrachio, viu traços de raposa:
Capacidade, pois, p'ra se metter na cousa.

Durante largo trecho foi rato de orçamento:
De Presidente fez — e fez de commandante,
Sem distincção de côr, serviu sempre a contento
Qualquer partido. O cobre é quem o punha avante.
E assim chegou ao dia do grande movimento
Que a Patria libertou das garras do Imperante,
Deixando para honrar a terra dos avós
Um feito heroico apenas—os Indios Bórórós!

O' Musa da Galhofa! Agora é que careço,
Para o feito contar, da tua protecção!
Ai, molha a minha penna, se tanto te mereço
Na tinta da Pilheria e ajuda a minha mão,
Porque do teu favor, se bem lhe dou apreço.
Depende aqui, inteira, a minha execução,
E eu quero levantar aos olhos dos Vindouros
Do nosso Flôr de Anus — os gloriosos louros.

É simples, muito simples, em Matto-Grosso, a gente;
 Dá testemunho a isso — o Antonio de Azereão.
 N'aquella vida ingenua, que leva, nunca sente
 Aos males deste mundo o mais ligeiro medo.
 Mettida no seu canto, de si cheia e contente,
 O dia e noite passa em perennal folguedo,
 Deixando ao paternal governo a liberdade
 De governal-a sempre a gosto e á vontade.

A calma, todavia, por vezes lh'interrompe
 Um cataclismo, dizem, um tenebroso mal.
 No meio do silencio das mattas, eis que rompe
 D'estridulo boré o horrido signal.
 E logo após, após, em grito cru prorompe
 Cabilda de selvagens com gestos d'infernal
 Desvaire, ameaçando o Lar, a vida, tudo;
 De susto o coração tolhendo e pondo mudo.

E como tudo corre! E como em Cuyabá
 As casas se fecharam e fogem das janellas
 Temendo que os apanhe ali a morte já,
 Os velhos, as creanças, os homens e as... donzellas
 (Porquanto, embora houvesse o Flôr de Anus lá
 Passado certo tempo — as tem e mais são bellas)
 Os Borórós, se ouviu — E é logo um fecha fecha;
 Ninguem o seu buraco, então, aberto deixa.

Reinava no Imperio, D. Pedro, que segundo,
 Na dynastia, teve o nome, e governava,
 Por elle, em Matto-Grosso, com sabio zelo e fundo
 Criterio, o Flôr de Anus. Se a vida que levava
 Então não o fazia em pasmo ter o mundo,
 A' sorte ulterior, fatal, o preparava,
 Que os Bórórós resurgem, depois de muitos annos
 Nos «marinheiros presos» do sossobrado Uranus.

Corria na Provincia o pleito de eleições
 E como n'um paiz de livres não convinha
 Fiar-se o resultado da sorte a apurações,
 Em que a lei fatal das contas põe na linha
 Das cousas do possível enormes decepções
 A's contas do governo, que rege esta barquinha,
 O bom do Presidente engendra um meio novo
 De triumphar nas urnas sem derrotar o povo.

No dia, em que votavam, gosando as regalias
 Da lei, os cidadãos ; — á hora, em que as igrejas
 As mesas congregavam, e já nas sachristias
 As provas da victoria da opposição sobejas
 Eram — de repente rompeu das mattarias
 O som tão conhecido, boré, com que despejas
 Terror por toda a parte ! E o povo manda á fava
 O voto por fugir á morte, que chegava.

De dentro das florestas, que cercam a cidade,
Avulta o som tremendo, e as folhas estrugindo
Predizem com certeza a grande mortandade
Que vêm os canibaes das frechas desferindo.
Oh que zumzum ! que febre ! em tal celeridade
Aquelle povo todo vai, doido, conduzindo !
Os Bórórós, repetem. Os Bórórós malditos !
Fujamos promptamente sinão nos deixam fritos !

E, enquanto o povo foge, os Bórórós avançam !
Lá dentro das igrejas, as mesas, entretanto,
De apurar os votos no esforço não se cançam,
E apuram, já se vê, de modo tal, com tanto
Vigor de calculagem, que os que mais alcançam
Não podem, 'stá bem claro, chegar a tanto quanto
Alcançam candidatos, a quem, n'aquella hora,
Os Bórórós trouxeram raiar de nova aurora.

Aos poucos, entretanto, se vai calando a bulha
Da invasão sombria, qual nuvem carregada
Que, após que os corações de assombro e medo entu-
Desfaz no ar sereno a musa excoimmungada. [lha,
Apenas, como um mar, que, longe, além marulha,
Se houve d'um tropel a marcha compassada.
Os Bórórós se foram; os cidadãos perderam
Os votos; mas as «actas», alguém, certo, elegeram.

E, quando pela tarde, após o susto enorme,
 Foi cada um aos outros o seu buraco, brindo,
 Saiu pela cidade «alguem», que nunca dorme,
 O Mestre Novidades, a todos repetindo:
 Os Bórórós, amigos, vieram de uniforme!
 A' lei do progredir se vão também polindo!
 Quem é que esperaria, ao vel-os a ameaça,
 Sem tal milagre, agora, passear por esta praça?

De uniforme, sim! Os Bórórós—aquelles
 Selvagens temerosos, terror de Matto Grosso,
 Que, acovardado, horror sentia ao ver, com elles,
 Entrar por toda a parte a morte em carne e osso,
 Os Bórórós vieram morar no meio d'elles,
 Guardar os Cuyabanos, fazer de seu molosso,
 Mercê da habilidade do grande Presidente,
 Que os transformou em praças para um serviço ur-
 [gente.

O' sucio Flôr de Anus! O' impagavel meco!
 O' novo Nostradamus! O' isto e mais aquillo!
 Se o Porvir, um dia, quizer um badameco
 De marmor consagrar-te, aqui lhe fica um kilo
 De versos, com que inspire qualquer salamaleco,
 Que o plano lhe projecte no molde, que burilo.
 Para exaltar-lhe o nome, deixando tudo raso,
 Um meio tem: no sóco, bóróróise o caso

Tão bem industriado na summa governança,
 Sem ser carne, nem peixe subiu, desceu, subiu.
 Um norte sempre teve—não padecer da pança—
 E isso, Deus louvado, que bem que o conseguiu !
 «Quem, marombando sempre, na vida, cauto, avança,
 De quem a não maromba por derradeiro riu,»
 O Flôr de Anus pensa, e, assim pensando, move
 Os passos marombando até oitenta e nove.

Qual soffrem no seu brilho os astros luminosos
 Eclipse transitorio, o nosso heroe soffreu.
 Da vida, que sulcara de rastros gloriosos,
 A' trêva do sertão do Norte se acolheu
 E o Brazil inteiro, em gritos dolorosos,
 Ao dar por falta d'elle, chorando, eis que gemeu :
 O' Flôr do Anus meu—morreste ! Ah ! que desgraça !
 «Não chores!» disse a Gloria ; «foi distillar cachaça».

Do colossal serviço que junto ao alambique
 Prestava á Patria pança—um brado o arrancou:
 Tomara agora o leme ao nacional cacique
 Affonso Celso, o Grande, que, então, o inventou,
 E o fez da «flôr da gente» o maioral—cacique
 Em quem a confiança de todo descansou.
 A 15 de Novembro de Oitenta e Nove, como
 Correspondeu ao cargo—se diz em pouco tomo.

Chegára ao termo seu a militar questão,
 Havia cinza em cima; em baixo accessa braza.
 Rugiam pelo espaço os uivos de um vulcão,
 Que tudo funde quando ainda nada abraza.
 Soprava das fazendas medonho furacão,
 Ruindo furioso de encontro á Régia Casa;
 Emfim, um cataclysmo a todos intimida
 E só o Flôr de Anus, zombando, inda duvida.

Zombando dos symptomas tão claros da revolta,
 Que a patria liberdade em breve consagrava,
 Porque Treze de Maio, se a meia Patria solta
 Grilhões, a outra meia conserva ainda escrava,
 Zombando dos symptomas, o nosso heroe se volta
 Ao Chefe de Policia, Basson, que então, reinava,
 E pede, p'ra salvar a «Cara Dymnastia»,
 Entrada nos theatros aonde El-Rei dormia !

Heroe dos Bórórós !... O' Marechal Caturra !...
 Pois tu pensavas mesmo, secreta em perspectiva,
 Que quando n'essa tua cabeça tão casmurra
 Fazia dejecção ideia tão captiva,
 O teu expediente, a que o ardor esturra
 Na chamma desbriada de fé bajulativa,
 Calar podera a voz do masculino leão,
 Que só enmudeceu no bojo de um vulcão ?

Capanga offerecido á realza morta
Por consciencia torpe, que nem Patria conhece,
Levaste um pontapé, que te lançou á porta
Do dia, em que mais baixo tua alma ainda desce,
Pois que, direita phrase soltando a bocca torta,
Por ella, em ti, Perfidia Virtude se parece;
E, recusando irmãos matar, mataste Aquella
Que meretriz fizeste e tua infamia assella !

Emquanto os camaradas os p'rigos affrontavam,
Em evidencia pondo o arrojo da bravura ;
Emquanto Deodoro e todos que o cercavam,
Lá fóra, expostos iam á tempestade escura,
Um olho ás duas conchas, que, então, se balançavam
Ao toque do Destino, lançava a tua impura
E negra consciencia, no intuito de agarrar-se
A'quella que o acaso fizesse levantar-se.

Gatuno miseravel, que, quando a Gloria bate
Imigos, vais por traz, subtil, devagarinho,
E te prevalecendo do enlevo do combate
Lhe roubas as corõas em meio ao borborinho
Da luta — que fizeste na hora desse embate
Que te levasse á honra, em vez de ao pelourinho?
Trahiste teus patrões! Trahindo-os, preparaste
Caminho p'ra galgares ao posto que galgaste !

E foi este detrito que a indigestão do Imperio
 Extremo arrevesou na hora da agonia,
 Foi este guarda-costas do negro ministerio,
 Que p'ra mastim se punha ás mãos da monarchia,
 Foi este Chimpanzé com alma de Tiberio,
 Que, emquanto a Patria geme, sobre ella tripudia,
 Foi elle, que o Destino primeiro presidente
 Do teu Senado fez—ó brazileira gente !

Opprobrio dos opprobrios ! Vergonha ! Servilismo !
 Connubio indecoroso da Espada e Tyrannia !
 Congresso, condemnaste a Patria a este abysmo
 Em que se peja até de ser democracia,
 Em que, de mão em mão, o Crime e o Cynismo
 Rapinam tudo quanto teu puro seio cria,
 O' Patria amada, como o seductor, que rouba
 A' Virgem, com a honra, a joia em que se arrouba !

Vergonha das vergonhas ! Tamanha, que elle mesmo,
 Sabendo que na altura se humilha o pygmeu,
 Na suja consciencia sentiu atroz tenesmo
 E á luz da posição zeloso se escondeu,
 Vagando pela sombra como um corrido, a esmo,
 Até que, n'uma pasta, geitoso, appareceu,
 E fez-se confidente de quem atraçoou
 Por um levante em que, sem se arriscar, ganhou.

Agora tu, Heróe, que, vindicando a Lei,
Ergueste sobranceiro da Patria o Pavilhão !
O' Almirante egregio, orgulho desta grei
Brazilea, que te guarda no grande coração !
O' marinheiro audaz, a quem, como a um rei,
O mar as plantas lambe, o mar, esse leão,
A juba sacudindo e os dentes amostrando
Aos cães, que contra ti, na praia estão ladrando.

Agora tu, contempla o que fizeste, louco !
Contempla como rasga, á Patria, o flanco o abutre,
Que tua mão ergueu ao cimo, e cujo rouco
Grasnar, o luto e a dor do Sul ao Norte, nutre !
Contempla como vai de sangue a pouco e pouco,
Em nome da Justiça, enchendo a guela putre,
E como no cadaver d'aquelles, que estrangula,
A negra revoadada, que ceva, farta a gula !

Pois foi p'ra isto, Heróe, que te fizeste Arauto?
A Lei, como uma Virgem, pedia á honra amparo,
E tu, da honra Guarda — Custodio ! — tão incauto
Foste, que lhe ouvindo o brado, p'ra reparo
Do damno, a offereceste, manjar inerte e lauto,
Ao lubrico furor de um bode, cujo faro,
Por onde quer que asylo recate a santidade,
Penetra e faz alarde de estupro á castidade ?

Não foi, não foi ! Mas vê com que castigo pagas
 Do teu desinteresse a negra consequencia !
 Com que prantos de sangue agora tu apagas,
 Do teu amor á lei, a ingenua complacencia !
 Ai, vê como nos planos, que agora, ousado, affagas
 Te cumpre larga parte deixar á penitencia,
 P'ra que não mais do fundo das tuas intenções
 De patriota venham ao Povo — maldições !

Aos — bravos ! — que, no ar, ainda não morreram
 E que te acclamam « grande » em dias de Novembro,
 Succedem clamorosos apupos, que romperam
 Chamando-te « Pirata » nos dias de Setembro.
 As mesmas, mesmas boccas, que de louvor encheram
 O teu valor hereuleo, que aqui, de escorço, lembro,
 Babujam contra ti no *Tempo* e no *Paiz*,
 Cuspindo a lama infecta das suas almas vis !

Pirata?... Sim, Pirata!... Tu és mesmo Pirata,
 Porque Pirata é quem defende os opprimidos,
 Na terra em que um Tyranno a Liberdade mata
 E no Thesouro engorda os seus vis protegidos !
 Sim ! — Quando no Governo a Imagem se retrata
 Do Despotismo torpe, e os homens, esquecidos
 Dos civicos deveres, no jugo se envilecem,
 Piratas como tu da Patria bem merecem !

Bem dita seja, ó Mar, essa Arca de Esperança
 Em que tranquilla alveja a Estrella da Revolta !
 Bem ditas essas ondas, em que serena avança
 Da Nau da Patria cara a intemerata escolta !
 Bem ditos os Piratas, que foram, na bonança
 Do Oceano livre, que livre as vagas solta,
 Buscar a agua lustral, em que baptismo novo
 Liberte os cidadãos - Te dê, Brazil, um Povo.

Sagrada ao Fogo Santo das lutas, que enaltecem,
 Trarás, Marinha, á Terra, a Paz e a salvação,
 Selladas no teu sangue, em que já se enrubecem
 Os horizontes largos da Nova Communhão !
 E mandarás áquelles, que tanto desmerecem
 O brilho aos dignos fastos da antiga tradição,
 Lavar, na pena, a mancha que cospe a infame escoria
 Dos Réprobos da lei na face á nossa Historia !

Se assim o fado impio, de ti, ó Patria, abusa,
 E em bacchanal infrene converte a Honestidade,
 Se em nome do Direito que a Violencia accusa,
 Se pode á Violencia chamar Legalidade,
 Se em vez da Lei Suprema, que claramente induza
 Do Povo Soberano a Mente e a Vontade,
 O sceptro de um ribaldo é norte á tua rota,
 Bem diz, ó Patria, a Morte nas vascas da Derrota !

Pois que? Em vez d'um rei, quetinha, n'alma au-
 Amor ao Povo, e a quem cobiça não movia; [gusta,
 Em vez do rei, a quem, a Historia, sempre justa
 Dará de «honesto» o nome, o preito e a valia;
 Em vez do rei, a cuja memoria o Mundo ajusta
 «Devotamento á Patria» por motto e ufania;
 Em vez do «cidadão», que nunca deshonrou
 O posto em que o «Acaso» da Sorte o collocou;

Em vez do Marechal, audaz e intemerato,
 Que a Quinze de Novembro a vida pôz em jogo,
 Fazendo de um levante o luminoso Pacto,
 Que livre torna o Povo, sem sangue, qual sem fogo,
 Em vez do vulto nobre, de quem vê, no retrato,
 A Patria, ao seu pezar, allivio e desafogo;
 Em vez do campeão, que elevam com fulgor
 A's Laureas do Porvir, a Honra e o Valor;

A Patria, que ao Sol novo de mais nobre regimen
 Alarga a envergadura possante em novo rumo,
 Dará da Nau Sagrada o leme a quem no crime
 De atraçoar, sómente, se fez potente e summo?
 A quem, quando á peleja as aguias, em sublime
 Adejo, os raios levam por entre o fogo e o fumo,
 De chambre e de chinelos—se mette em sua casa
 E tira com a pata do gato ao fogo a brasa?

Consentirás, ó Povo, que teus destinos reja
Quem toma o seu café, em cuecas, junto aos filhos,
Enquanto os seus irmãos, sem medo da peleja,
Presentes ao perigo, atiram-se aos colmilhos
Da fera Tyrannia, que rabida corveja,
Trancando á Liberdade os conquistados trilhos ?
Desceste já tão baixo que vás ao batalhão,
Lhe peças o «carneiro» e o faças «capitão» ?

Desceste, e o pagas, sim, bem caro, ó Patria minha!
Na tua Lei Suprema—um tigre se excrementa !
No teu servil Congresso—um tigre se espolinha !
A larva «Bancarrota», que a «Falsidade» alenta,
Um tigre, o teu erario, guardando, n'elle aninha !
Nos tribunaes, um tigre, por seu arbitrio assenta
Juizes, e, cuspendo na cara da Justiça,
O dorso lhe cavalga, e n'ella se castiça !

O' Povo sem valor— ó raça desbriada,
A quem não sobe o pejo em borbotões á cara
Ao ver tanta villeza a tua terra amada
Enlamear ! O' Povo ! O' rude massa ignara !
Bem podes, podes rir na faina descuidada
Que te permite a vida escrava achâres cára,
Porque vela por ti, ali n'aquelles mares,
Alguem, que muito breve porás sobre os altares !

Não é Custodio, não !... Custodio é «braço» apenas,
 E' a Alma da Nação, que n'elle se incorpora,
 E ouvindo o doloroso gemido, em que te penas,
 O' conspureada Pátria, o pavilhão arvora,
 Não rubro, porém branco—Arauto das serenas
 Venturas, que te esperam, rompendo qual aurora
 De Paz, que leva á meta a luta merencoria
 E reintegra a Lei ao nuto da Victoria !

Tu tens, Aquidaban, predestinado nome !
 Traduz, á nossa mente, a Morte ao Despotismo !
 Que o digam os annaes, que o olvido não consome
 O Paraguay dos tempos de rude barbarismo ;
 Quem pasma, pois, agora, que vingadora assome
 Ao leme teu, minaz, a Deusa do Civismo,
 E, á Nave do Cruzeiro, soltando largo o panno,
 Alije ao mar da Historia o corpo de um Tyranno? !

Aquidaban, fechaste a Lopes a carreira !
 Pelotas, com seu gladio á luta conduzindo,
 No memoravel dia a gente brazileira,
 Levou ,Silva Tavares, á frente, dirigindo
 Os nossos valorosos na gloriosa esteira ;
 E a Sorte; qual se andasse os factos descobrindo,
 Mandou, ás suas ordens, Aquelle que degrada
 A Pátria, qual se fosse michela despejada !

Nos fastos a Justiça registre a anomalia :
 Nem sempre mata o monstro a queda da Tarpeia ;
 Nem sempre a Laurea humana no Capitolio guia !
 Pelotas—o Heroe, que Aquidaban alteia
 N'uma pensão obscura a alma ao ceu envia ;
 Tavares—o Heroe, que a Tyrannia odeia,
 Fieis á Tyrannia, combatem Veteranos,
 A quem Elle ensinou a debellar tyrannos !

Vindouros, contemplai o verso da medalha !
 Moralidade, fecha os olhos de vergonha !
 E tu, beocio, lorpa, cretino, vil, canalha,
 O' Povo, que um soldado a couces de coronha
 Governa, põe-te em pé e, ao dorso, que escangalha
 O Despota, sacode a pestilenta ronha !
 Não pode mais estar na Regia um saltimbuco,
 A quem deve o Pudor, no Jury, dar um banco !

Ai, rompe, Aquidaban, a vaga a esses mares,
 Trazendo, por diante da prôa, ao teu Brazil,
 A Liberdade, qual Pelotas e Tavares
 A dão ao Paraguay no feito varonil !
 Se Um, morrendo, á farda arranca os alamares,
 E á tumba quiz baixar na blusa do Civil,
 O Outro, entre civis, a pelejar acampa,
 Dourando as cans ao Sol, que surge além no Pampa !

Ai, vem, Aquidaban, pois que o delirio insano
 Em lama e sangue afoga a Patria idolatrada !
 O medo e o desespero açulam no Tyranno
 A' rabie, á sanha, ao odio, a chamma exacerbada
 E sem respeito aos Vivos, aos Mortos, deshumano,
 Conspurea o nome claro, avilta a fama honrada,
 Mandando, por consolo, aos Pobres Corações,
 Que os choram—vil Moeda por falsas Promoções !

Ai, vem ligeiro, vem ! O sangue o não sacia !
 Depois da Espada, toma o cabo d'um Vergalho
 E o povo, em plena praça, á clara luz do dia,
 Lanhando a vergastadas, atira ao rebotalho
 Dos condemnados, quando declara a enxovia,
 Que a lei destina só ao putrido escumalho
 Dos crimes infamantes—o carcer, onde mate
 O cidadão, que ao jugo o collo não abate !

Ai, vem ligeiro, vem ! Nos leitos dolorosos
 Dos hospitaes perecem, a Tyrannia pasto,
 Teus Filhos mais pujantes, Soldados valerosos,
 A quem a Patria chora, envolta no nefasto
 Opprobio d'estes dias cruentos e ominosos ;
 E, em vez de lhes gravar n'um glorioso fasto
 Os nomes—no seu sangue embebe a Camarilha
 A penna, e á Nação decreta uma Bastilha !

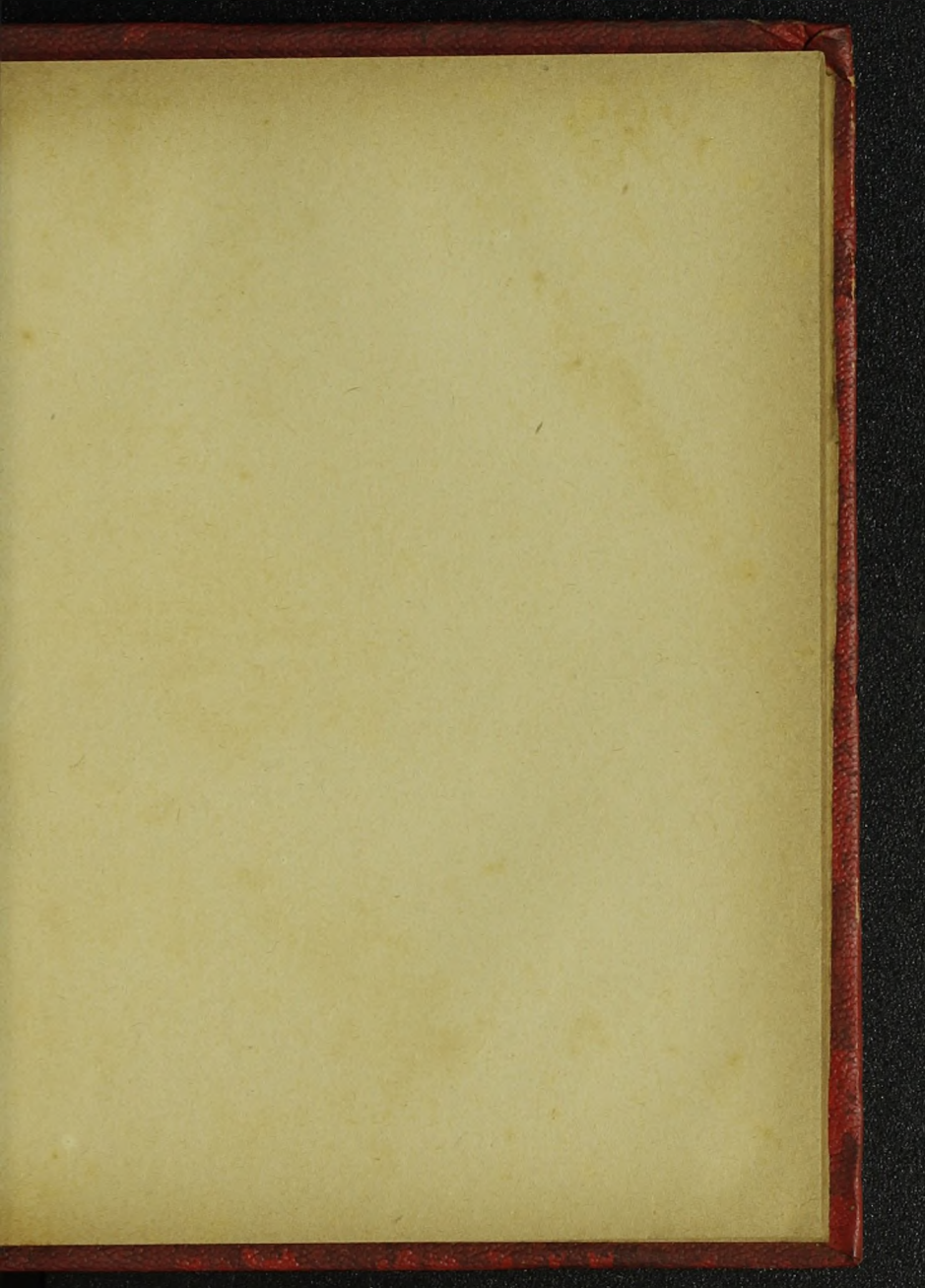
Brazil ! Como se fosse propheta aos teus Destinos,
A queda da Bastilha teu Calendario guarda !
Um dia, Detenção (e breve), nós, aos hymnos
Da rutila Victoria, que, immorredoura, aguarda
As armas da Revolta, pisando os Jacobinos,
A quem o Despotismo indecoroso albarda.
Iremos derrocar-te, e, sobre o teu entulho,
Na forca do Tyrannio, sagrar o mez de Julho !

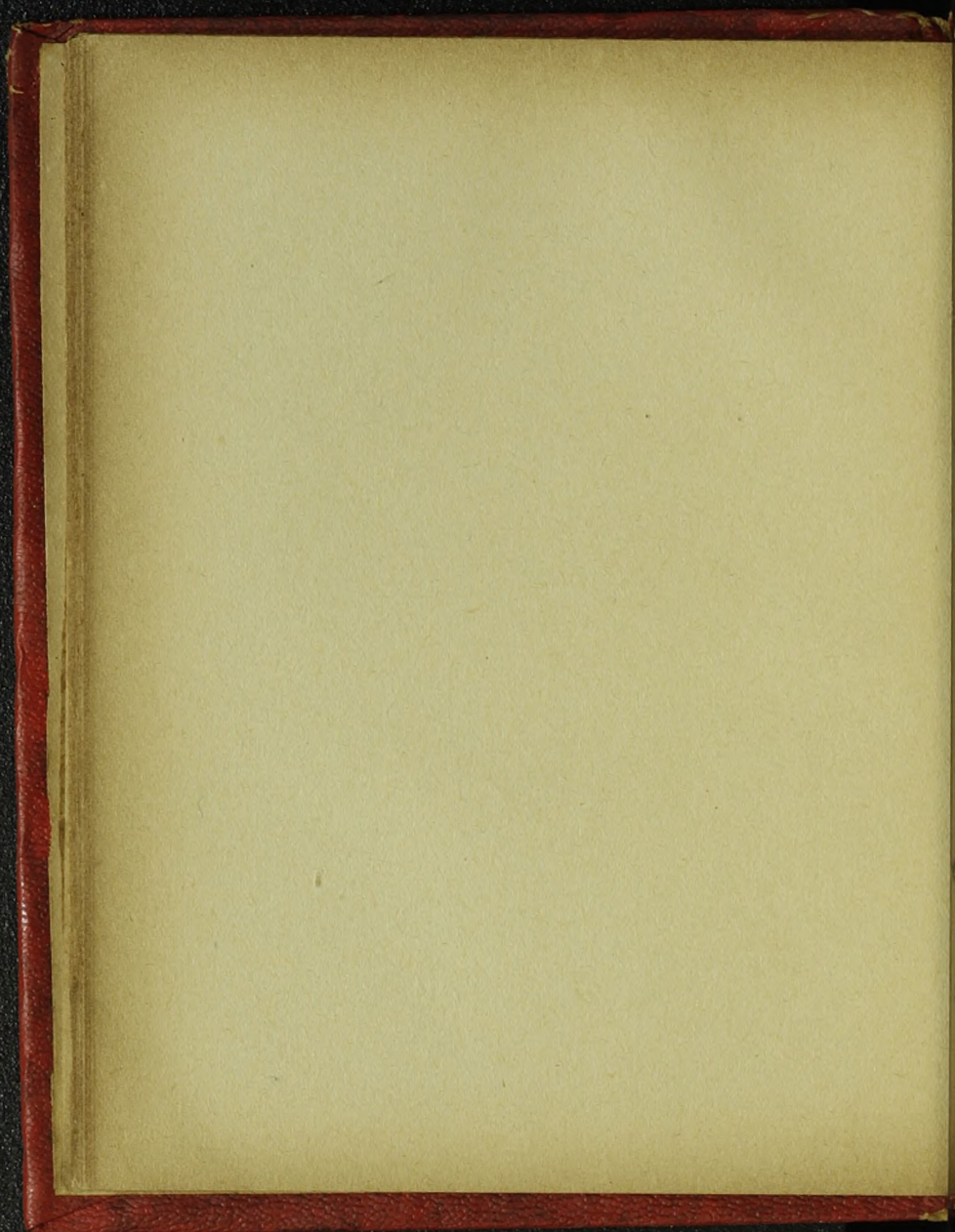
Tu tens, Aquidaban, predestinado nome !
Traduz, á nossa mente, a Morte ao Despotismo !
Que o digam os annaes, que o olvido não consome !
O Paraguay dos tempos de rude barbarismo !
Quem pasma, pois, agora, que vingadora assome
Ao leme teu, minaz, a Deusa do Civismo,
E, á Nave do Cruzeiro, soltando largo o panno,
Alije ao mar da Historia o corpo d'um Tyranno ?

EPILOGO

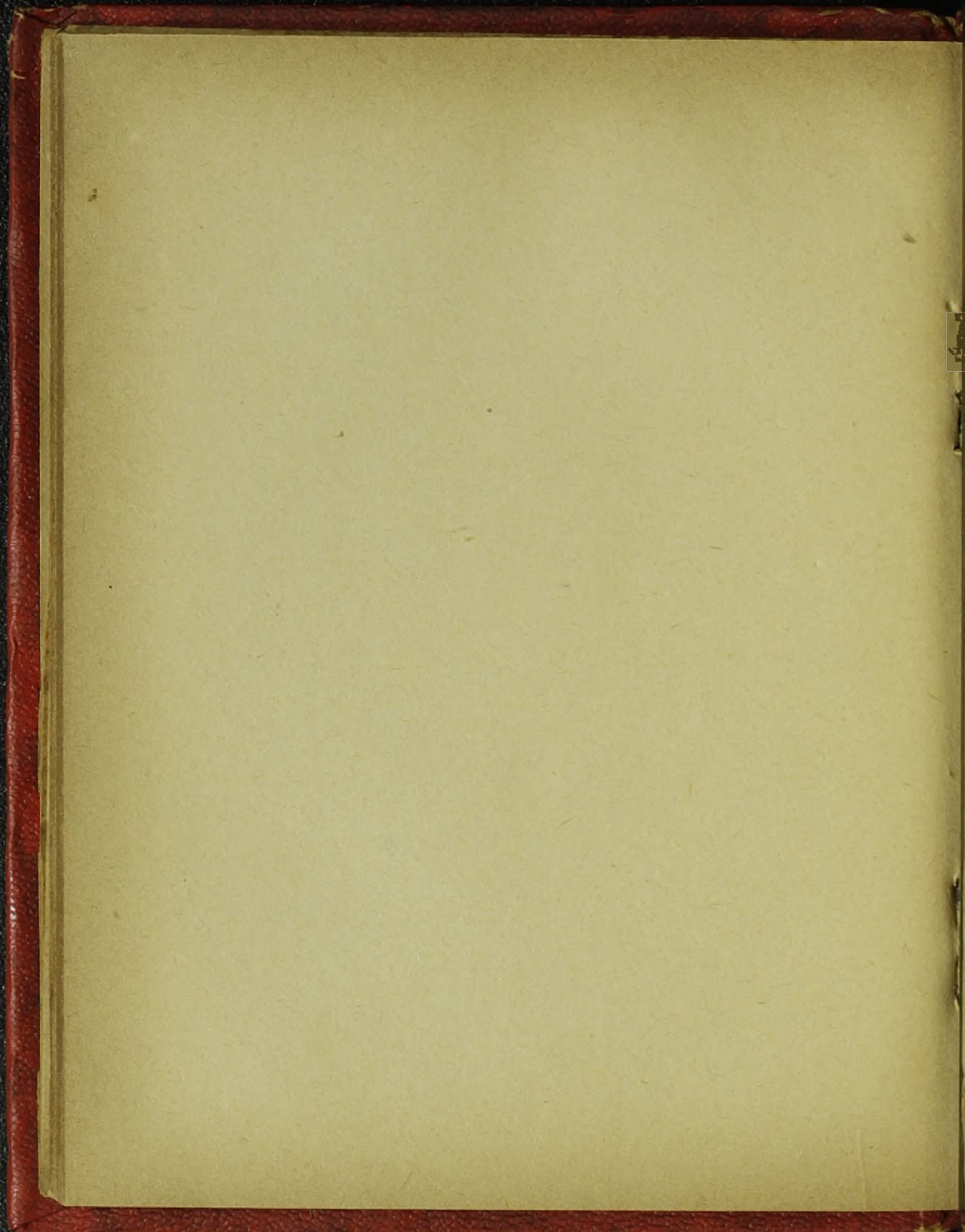
O' Musa, qu'invoguei de entrada, oh Musa boa,
Que o Riso e a Pilheria no mundo enthronizaste,
Se a tua inspiração deixei no ar, perdoa;
Perdeu com isso o estro, e Tu, Diva, lucraste !
Porém, se louros queres, ó pandega Patrão,
Reclama ao Flôr de Anus—que aqui os não ceifaste ;
Porque n'este Governo é só pedir por bocca:
Ha notas no Thezouro e Consciencia pouca.

Mas antes da partida um brinde levantemos !
Um brinde, que rebôe do Prata ao Amazonas;
Um brinde, em que, sonoras as vozes ajuntemos
E soem por'hi fóra quaes gigantescas fonas,
Levando ao Norte e Sul, as pontos mais extremos,
Por entre o badalar de sinos e sanfonas:
Ao Flôr de Anus—Forca ! E—Morram—com batatas
Os Lobos, Glycerios, Quintinos e Baratas.





BIBLIOTECA MUNICIPAL JOVENS LESSA™
Luziânia Paulista - SP.



090
V789f

